

ARTIGO

Ganhos e Perdas com as Eleições 2004

O resultado eleitoral das urnas apuradas em todo o país já permite identificar os vencedores, os derrotados e o mapa das matrizes políticas para o cenário da sucessão presidencial, que já se inicia.

Para uma análise mais apurada é necessário dimensionar os resultados por duas vertentes: a partidária e a regional. Começemos, pois, pela partidária.

O PMDB, maior partido brasileiro, ainda, viu emergir a figura política do governador gaúcho, Germano Rigotto, eficiente operador de alianças políticas numa grande frente anti-PT no seu estado, que contou com o PSDB liderando em muitas cidades, derrotando - depois de sua própria eleição estadual em 2002 - um dos baluartes da gestão e do modo de ser governo do PT, na sua capital, Porto Alegre. Sem sombra de dúvidas, Rigotto sai desta eleição como a grande força política e eleitoral do PMDB em todo o país.

A segunda força política do PMDB, o ex-governador Anthony Garotinho, perde força com resultados desfavoráveis na capital (quando perdeu para o prefeito reeleito César Maia, em primeiro turno) e nas principais cidades do Estado, ora para o PT, ora para o PDT.

O PFL vê minguar sua força nos municípios com até 20 mil habitantes e seus caciques regionais, notadamente nordestinos, enfraquecem-se nitidamente. A derrota do senador Antonio Carlos Magalhães (BA) aumenta a projeção do prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, desde já um defensor da aliança PSDB-PFL para a sucessão de 2006.

O PPS divide-se, antes mesmo de sua maioria, entre a porção que defende a permanência da aliança com o PT e recebe as benesses dos aliados do governo Lula e parte que prevê a necessidade de uma frente ampla contra o governo federal. É dele o vencedor em Porto Alegre, além de verificar crescimento em conquistas em municípios de médio porte.

O PP perde força com o declínio rápido de seu líder Paulo Maluf (com seu pior resultado eleitoral da história) e o controle político de Florianópolis, cidade conquistada pelo PSDB.

O PL e o PTB, mesmo como linhas auxiliares do PT no cenário do Congresso, amargaram resultados insignificantes quando comparado com as benesses advindas de sua submissão: fizeram, em muitos casos, papel de coadjuvantes para o fortalecimento de candidaturas petistas ou o papel de ataques visando desgastes de opositores petistas, via de regra.

O PT foi o grande enigma já desvendado, na primeira eleição municipal enquanto saboreia o poder federal: fracassou na sua volúpia política, no grande projeto de dominação eleitoral que vinha sendo costurado desde a eleição de Lula, em 2002, e que começou a vazar água quando Valdomiro Diniz, homem-forte do Ministro-Chefe da Casa Civil de Lula foi flagrado pedindo propina para a contravenção.

Faz menos de 1 ano que o PT, por seus vários porta-vozes e "dirigentes", estimava vencer em mais de 1.000 municípios em todo o país, cifra depois reduzida para 800, pronunciamento que foi sucedido pela prudência de dizer, já no início deste ano que o PT deixaria de fazer novas projeções de "vitórias" ou de sucesso nas eleições municipais.

O PT perdeu em seu berço, São Bernardo do Campo, por larga margem de votos, ainda no primeiro turno.

Viu outros municípios do emblemático ABC paulista, sindicalizados e politizados, enfrentando disputas acirradas com o PSDB (Santo André e Diadema), com resultado aquém das vitórias consagradas, anteriormente previstas.

Perdeu em Santos, Campinas, Ribeirão Preto e Mauá, inicialmente consideradas vitórias fáceis.

Por fim, perdeu São Paulo, inclusive com substancial redução de sua bancada de vereadores, em quantidade e qualidade.

O PSB, a despeito de registrar sofrível votação para uma de suas figuras mais destacadas no cenário nacional, a ex-prefeita de São Paulo Luisa Erundina, logrou vitórias expressivas em capitais de estados e na soma de municípios em todo o país.

O PSDB sagra-se grande vitorioso das últimas eleições, com sucesso em 5 capitais de Estados e a consolidação de posição de líder das oposições e a projeção nacional de sua expressão mais enigmática, a do governador de São Paulo Geraldo Alckmin.

Leitura regional

Uma leitura regional - ou até mesmo estadual - permite verificar que o cenário político que se projeta para a sucessão presidencial imporá gestões e desgastes ao presidente Lula e os partidos de sua base de sustentação.

As regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, sempre coadjuvantes nas articulações sucessórias, continuarão com peso político reduzido em 2006. Suas figuras mais expressivas (Tasso Jereissati, no Ceará; Antonio Carlos Magalhães, na Bahia; e, Marco Maciel, em Pernambuco) sofreram derrotas em suas capitais e viram suas

regiões gerarem uma verdadeira pulverização de partidos e pequenas lideranças locais.

Germano Rigotto projetou-se no Rio Grande do Sul mas está filiado ao PMDB, "saco de gatos" cuja impossibilidade de geração de unidade partidária incapacita-o para uma negociação nacional.

Aécio Neves, do PSDB mineiro e Roberto Requião, do Paraná, do PMDB, aliado de Lula e do PT, sofreram derrota espetacular em suas respectivas capitais e em diversas das maiores cidades importantes de seus estados.

O Rio de Janeiro continua sendo um estado dividido entre o poder petelista da capital, nas mãos de César Maia, e o interior, pulverizado entre siglas de esquerda e do PMDB de Garotinho. Note-se que o estado deu, há 2 anos, vitória espetacular ao presidente Lula e os resultados da atual eleição já são um indicador do descontentamento perante importantes segmentos do eleitorado, antes petista: o funcionalismo público federal, os militares e importantes segmentos críticos da então gestão FHC.

Resta analisar a vitória alcançada pelo governador paulista Geraldo Alckmin, padrinho político da candidatura José Serra, tutor e inspirador de uma campanha bem dosada e bem comportada que foi verificada na maioria das vitórias tucanas no Estado de São Paulo. O PSDB registrou vitórias e expressivas votações em cidades até então ditas como petistas, como Santo André e Ribeirão Preto, e viu seus partidários ou aliados vendendo na imensa maioria dos 645 municípios do estado mais importante do país.

Geraldo Alckmin, ainda, iniciou maratona pelo país, em atos de apoio a diversos candidatos, já numa ação organizada para ampliar sua projeção política e sua influência no cenário nacional - nitidamente um ensaio de sua pré-candidatura nacional.

Lula, neste momento, vê o encerramento das eleições municipais com a certeza de que sua capacidade de transferência de votos e prestígio já não é o mesmo de há 2 anos. Vê, internamente, a influência do grupo paulista perder força e receber como resposta eleitoral o sucesso de candidaturas mais à esquerda de seu grupo político - e sucessos eleitorais com amplo poder de dispersão daquela imagem mais radical e menos "Paz e Amor" de sua campanha presidencial, com a eleição de Lindberg Faria (Nova Iguaçu-RJ) e Luizianne Lins (Fortaleza-CE), por exemplo.

Para a sucessão presidencial de 2006 o nome é Geraldo Alckmin. A manutenção de sua imagem de bom gestor, bom marido, bom governador e bom observador do cenário é o principal capital político para o difícil ano de 2005, que acaba de começar.

O ano de 2005 será difícil pois a economia mundial continuará pautando a vida de cada brasileiro e, seguramente, o preço da gasolina, o terrorismo, a fragilidade de

nossas finanças públicas e o crescimento econômico da China, dos EUA e da Argentina pautarão nosso desempenho econômico e os trágicos índices do nosso desemprego.

Mas é o cenário interno o fator de decisão sobre o humor dos brasileiros para mais 4 anos de governo PT. Como estará a esperança do brasileiro comum para aguardar mais 4 anos pelos momentos de pleno emprego, de salário mínimo decente, de saúde e educação compatíveis com a fúria arrecadadora do governo federal? E como estarão os aposentados que acreditaram no PT e na reposição de suas aposentadorias? E como estarão os jovens - aquele grande contingente de eleitores que depositaram votos e sonhos no imaginário embate da esperança vencendo o medo? E os miseráveis e os cientes da necessidade de redução das desigualdades sociais?

Finalmente, o eleitorado já estará vacinado para negar o marketing da esperança?

O Brasil já evoluiu no seu processo democrático até o ponto de se permitir testar alternativas, ilusões, expectativas. Agora, parece começar a dar vazão ao racional e impor mensagens claras de descontentamento e necessidade de correção de rumos políticos e administrativos.

Marco Iten

Jornalista, publicitário e consultor de Marketing Político,
Autor do livro ELEIÇÃO - VENÇA A SUA - As Boas Técnicas do Marketing Político
e do e-Learning ELEIÇÃO ON-LINE